

IRMÃS SCALABRINIANAS: PREDILEÇÃO AOS MIGRANTES E REGUGIADOS

Em 1895, nasceu a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeu, Scalabrinianas. Houve muitas transformações no século XIX. Em várias partes da Terra apresentaram-se questões sociais e econômicas que abalaram muitíssimos povos. As pessoas sofreram enormemente com as perdas humanas dos seus entes queridos, causada principalmente pela fome. A Europa vinha de guerras e confrontos seculares, em que nações subjogavam outras nações; territórios eram motivo de conquistas e muitas pessoas se sentiam desorientadas e abandonadas pelos poderes constituídos. Enquanto as autoridades buscavam meios diplomáticos para resolverem os problemas bélicos, as populações dos vários países seguiam sem direção alguma, com o grande dilema humanitário.

Findadas as guerras e os seus desdobramentos entre as nações, começava então, a reorganização da economia e, conseqüentemente, o encaminhamento para as questões da sociedade europeia. O que fazer com os empobrecidos e desorientados? A Itália do século XIX estava se organizando enquanto Nação e enfrentava a mecanização e a industrialização nas Províncias ao norte do país. A enormidade da população era composta por camponeses e formada por famílias com muitos filhos. Muitos braços sem trabalho e bocas para serem alimentadas. Como organizar a economia contando com todos os seus habitantes? Como resolver o desenvolvimento econômico sem criar outros problemas sociais? Como incluir homens e mulheres no desenvolvimentismo industrial e tecnológico aproveitando as turbas camponesas?

Muitos italianos buscaram resolver seus dilemas familiares migrando para os países europeus, que ofereciam melhores condições sociais e econômicas. Dentro da reorganização geográfica sobravam as famílias de camponeses com prole numerosa. Algumas famílias possuíam pouca terra e muitas outras trabalhavam como meeiros dos latifundiários. De toda sorte havia muita fome e infortúnio. Pouca terra e muitos braços. Muito técnica sendo implantada e nenhuma atenção para a massa humana faminta e desesperada. Restava a fome e o desejo de mudar as condições econômicas, para melhorar o ambiente familiar.

Restou a imigração para os milhões de italianos que viviam nas Províncias ao norte, sobretudo, Vêneto, Piemonte e Lombardia. Foram esses que imigraram, por primeiro, para muitas partes de mundo, e, também, para o Brasil, principalmente para São Paulo, por conta da mecanização dos campos e da industrialização que estavam sendo implantadas nessas áreas. Famílias inteiras saíam, deixando muitas vezes, os espaços desabitados. Deixar o solo pátrio era a única alternativa possível. Deixar a Pátria e ir para o desconhecido causava dores e feridas imensas no coração dos que partiam. A nostalgia da terra e a perda dos valores eram os sentimentos mais frequentes na imensa multidão que forçosamente deixavam para trás sua terra, casa e, principalmente, suas histórias.

O que encontrar pela frente era sempre um imaginário, cercado de *Fazer a América*, retornar posteriormente ou muitas incógnitas, que minavam o coração daquela gente, que tinha na Família, na Igreja Católica e no trabalho a sustentação dos seus valores humanos e religiosos. Esse era o cenário social e econômico do século XIX.

O que fazer diante do flagelo humanitário? Qual o papel da Igreja Católica junto aos imigrantes? Para onde iam os imigrantes e quais as soluções encontradas pelas lideranças religiosas? Qual o papel das novas congregações juntos aos imigrantes? Qual deveria ser

a identidade cristã junto às novas terras e sua gente? Como dar suporte humano e religioso aos que saiam de suas terras? Como dimensionar respostas aos enfrentamentos e dificuldades das populações nativas encontradas pelos missionários e missionárias?

Em 2025, as Religiosas Scalabrinanas completam 130 anos de Fundação (1895-2025). A Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeu está presente em muitos países e atuando em várias atividades pastorais. No século XIX elas estiveram junto aos imigrantes, sobretudo italianos. Atualmente, elas trabalham junto aos migrantes e refugiados. Trabalho silencioso e operante.

Seja esse ano Jubilar tempo de oração e reconhecimento a essas mulheres dedicadas e prestativas junto aos que sofrem em muitas partes do mundo. Seja um tempo favorável para muitas vocações, despertadas no serviço generoso e integral dessas mulheres, para o bem da Igreja e da sociedade.

Prof. Dr. Pe. José Ulisses Leva. Professor de História da Igreja na PUC-SP.